

VINHO NOVO É MELHOR

(João 2. 1-11)

Isaltino Gomes Coelho Filho¹

Na estrutura do quarto evangelho, este é o primeiro milagre de Jesus. No evangelho de Mateus, o primeiro milagre é a cura de um leproso (8.1). No de Marcos, é a cura de um endemoninhado. Em João, é a transformação de água em vinho, num casamento numa aldeia obscura. Em Mateus e Marcos, uma pessoa é curada e uma vida é transformada. Em João, é um acontecimento comezinho, que não modifica vida nenhuma. Um episódio que poderia se chamar de pouco relevante.

Em João 20. 20 -31 lemos que os sinais que estão registrados no quarto evangelho assim foram para que os leitores cressem que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e assim, crendo, tivessem vida no seu nome. A escolha deste evento em sua inserção como o primeiro milagre de Jesus faz parte do plano de trabalho de João. Foi colocado ali premeditadamente. Não é um acidente. Quer dizer alguma coisa. Há uma mensagem na estrutura bem planejada do quarto evangelho e João nos ensina tanto pelo que diz como pela forma que diz. Ensina no conteúdo e na forma.

Mais uma questão: João não usa a palavra “*milagre*”. Usa o termo “*sinal*”, como lemos no versículo 11. O termo grego é *sêmeion*, que tem dois aspectos, um demonstrativo e outro expressivo. Ao chamar o evento de *sêmeion*, no versículo 11, João está demonstrando e expressando uma verdade. Ele quer sinalizar alguma coisa. O que ele está demonstrando e expressando vale mais que o evento.

Prestem atenção nos dois limites do evento. Primeiro, a expressão inicial: “*três dias depois*”. Aumenta o sentido da sinalização a forma como o evangelista inicia o relato. Tais palavras se tornaram expressivas, designando a saída de Jesus da morte, com o que sua autoridade foi completamente manifesta. Depois, como termina:

¹ Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho - Bacharel e Mestre em Teologia, Licenciado em Filosofia e Pedagogia e mestre em Educação. Prof. De Hebraico e Exegese no Antigo Testamento na Faculdade Teológica Batista de Campinas e Pastor da Igreja Batista do Cambuí.

“manifestou a sua glória”. Que estranho! Manifestou a sua glória num casamento na roça? João fala da glória de Jesus em 1.14, mas de forma mais bem elaborada teologicamente: “o Verbo se fez carne... e vimos a sua glória” (1.14). Uma expressão limite alude à encarnação. A outra alude à ressurreição. O texto é teológico, portanto.

Feitas estas considerações, fixemo-nos nesta questão: o que significa, na teologia de João, a colocação da transformação da água em vinho como primeiro milagre? Por que João o chama sêmeion? Por que João põe estes contornos ao fazer seu relato? Em outras palavras, o que este sinal quer dizer? Para responder adequadamente, vamos analisar três figuras que aparecem na história: o casamento, o vinho e o Messias, que não aparece explicitamente, mas implicitamente, na forma de João montar sua história.

1. A FIGURA DO CASAMENTO

Por que o primeiro sinal aconteceu num casamento?

A figura do casamento está presente nos ensinamentos evangélicos, como vemos em duas parábolas contadas por Jesus, a das bodas (Mt. 22.1) e a das acompanhantes de uma noiva, chamada impropriamente de parábolas das virgens (Mt. 25.1). Digo impropriamente porque o que está em foco ali **não** é a virgindade, mas o acompanhamento de uma noiva. É uma figura significativa, a do matrimônio. Era a maior festa na vida de uma pessoa e marcava sua existência para sempre. Era um sinal de sua maturidade a ponto de poder construir uma nova unidade familiar.

Na teologia hebraica, a figura do casamento serviu para registrar o berith, a aliança, entre Iahweh e Israel. O profeta Oséias, por exemplo, estrutura seu livro sobre a figura do casamento iniciado com o êxodo e definido na aliança mosaica. No pensamento hebraico posterior, a festa de casamento passou a ser um símbolo do encontro de Israel com o messias, quando haveria um festim messiânico, como registrado em Isaías 55, no convite para que todos se cheguem e comam e bebam de graça. A vinda do messias seria a restauração do casamento entre Iahweh e Israel, a reafirmação da aliança. Um momento de pura alegria.

Na instituição da ceia do Senhor, embora seja este um evento

triste, Jesus fala da consumação do seu reino como um banquete, com vinho sendo oferecido, como lemos em Mateus 26. 29. A figura de uma festa messiânica está presente por todo Novo Testamento. Em Apocalipse 19. 7,8 temos o encontro final do Cordeiro com a Igreja, também retratado por um casamento. Reconheço que estas figuras foram usadas depois do evento de Caná, mas seu uso mostra que a figura era conhecida, fazia parte do pensamento religioso hebreu. Não foram empregadas no éter, sem uma conexão com a cultura e teologia hebraicas. Foram utilizadas porque diziam alguma coisa.

Pois bem, no relato joanino, Jesus começa suas atividades numa festa de casamento. O ensino começa a se delinear: o tempo do messias chegou. Jesus é o messias. O evento de Caná é mais que o simples registro histórico do primeiro milagre de Jesus. No ensino de João, este milagre simboliza a passagem da antiga para a nova aliança. Precisamos prestar atenção neste fato. A glória de Jesus foi manifestada, enfatiza João. Como e por quê? Volto a perguntar: manifestou sua glória numa festa na roça? Não, há algo mais aqui. Simbolicamente, está surgindo a Igreja porque a nova aliança começa a ser mostrada. No relato há um noivo. Ele aparece. Não se fala da noiva. Ela é omitida. Ela vai ser criada ao longo do Novo Testamento, a esposa do Cordeiro, a Igreja de Jesus.

O primeiro sêmeion tinha que ser um casamento porque um dos ensinamentos fortes na teologia de João é mostrar que Jesus veio para fazer aquilo que Moisés não conseguiu, como no famoso discurso do pão, no capítulo 6. Ali Jesus mostra que Moisés não deu o pão do céu, mas que ele Jesus, é o verdadeiro pão do céu: *Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá (...) Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede”* (Jo 6. 32, 35). Da mesma forma, é com ele que o verdadeiro festim messiânico, que a nova aliança entre Deus e os homens, vai se firmar. O que Moisés não conseguiu trazer, Jesus trará. Ele é o messias que se manifesta numa comemoração de casamento, símbolo do encontro do messias com o seu povo.

2. A FIGURA DO VINHO

O vinho é, nas Escrituras, símbolo da alegria. No livro de Cânticos, está ligado ao amor conjugal, símbolo da aliança. Jesus se faz presente trazendo vinho, a alegria de uma festa de casamento.

Os rabinos haviam desenvolvido uma curiosa alegoria envolvendo os amonitas e Melquisedeque. Em Deuteronômio 23. 3, 4, os amonitas recusaram-se a oferecer pão e vinho aos israelitas. Foram tomados como símbolo dos gentios. Melquisedeque veio ao encontro de Abraão com pão e vinho, em Genesis 14. 18-20. Tornou-se um tipo do messias. O messias, nesta linha de pensamento rabínico, traria vinho para alegrar a vida dos hebreus, na festa messiânica.

O vinho tornou-se, também, símbolo da torah, a lei, nas analogias rabínicas. Assim como o vinho alegrava a vida, a torah alegrava a alma.

Não há vinho em Caná, símbolo da antiga aliança, a mosaica. A antiga ordem não pode satisfazer o homem nem lhe traz a alegria que ele espera. Aparecem, no texto, seis talhas de pedra. Não são talhas para uso doméstico, em cozinha, banho ou lavagem de roupas. São para o ritual de purificação cerimonial dos hebreus. As talhas de purificação, na festa de casamento, símbolo do encontro com o messias, estão vazias. A palavra grega usada para o verbo “encher” e gêmizo, que significa encher algo completamente vazio, seco. As talhas não estão parcialmente vazias. Estão secas, completamente secas. A antiga aliança secou-se. As talhas são de pedra. A lei de Moisés foi escrita em pedra. As talhas são seis e não sete. Até isto tem sentido. Seis é o número da imperfeição. Tanto que o número da Besta é 666. Tudo mostra que a antiga ordem é desnecessária porque não tem mais o que oferecer aos homens. A antiga aliança está sem condições de trazer alegria para os homens. Ela teve seu tempo. Passou e um novo momento vai começar agora.

Vivemos dias delicados no movimento evangélico. Caminhamos para um período pós - denominacional. Reconhecer isto é diferente de desejar isto. Não desejo, mas vejo isto. As pessoas não estão interessadas em denominação. Entre nós batistas, isto é mais grave porque em vez

de associar denominação com um conjunto de doutrinas ou um corpo de princípios, associamos com estruturas e instituições, das quais as pessoas andam cansadas. Outro problema é a rejudaização que se vê em nosso meio. Estão tentando trazer as talhas de volta. Assim como a purificação no judaísmo estava associada a regrinhas e à religiosidade humana, tenta-se trazer este tipo de procedimento de volta. Novenas religiosas, com correntes de tantos dias em uma determinada igreja, de preferência contribuindo todos os dias. O ressurgimento de sacramentos, de gestual, de palavras sagradas, da fé reduzida a uma celebração que acontece num determinado lugar, num determinado dia, comandada por uma determinada pessoa. É o ressurgimento do sacerdotalismo da antiga aliança. As talhas estão secas, mas querem sua permanência em nosso meio, ressuscitando o judaísmo, com caravanas a Israel para rebatismo. As talhas estão secas, mas querem seu ressurgimento com areia santa do rio Jordão, com folha de oliveira unguida do monte das Oliveiras, com água unguida do Jordão, com sal grosso do mar Morto para afastar maus espíritos. Tentam trazer as talhas de volta com as bugigangas neo e baixo - pentecostais.

Talhas secas são indício de festas sem vinho. Não há aliança com talhas. Não há purificação, não há realização, não há o messias na antiga aliança. O sacerdotismo que hoje se tenta ressuscitar, com a figura do homem unguido, com poderes especiais que os demais não têm, com um acesso a Deus que os demais não têm, com uma oração poderosa que os demais não têm, acabou. Não há porque ressuscitá-lo. *“Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios que nunca jamais podem remover pecados” (Hb. 10. 11).* Não há por que ressuscitar o judaísmo, não há espaço para o neojudaísmo que se vê em nossa teologia. As talhas estão secas, a aliança do passado acabou, o tempo pré-messias se esgotou. Só a nova aliança pode satisfazer o homem: *“Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus (...) porque, com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados” (Hb 10. 12, 14).*

O evangelho corre, hoje, o risco de uma rejudaização em forma e em conteúdo. É preciso que nos centremos na nova aliança, na doutrina do sacerdócio universal de todos os salvos, que todos têm acesso a Deus e os mesmos direitos espirituais, que a venda de indulgências, que se verifica no cenário evangélico, hoje é uma deturpação da graça de Jesus e um retorno aos momentos pré - Reforma. As talhas da aliança passada estão secas. Não temos que nos prender às nossas raízes judaicas, como querem alguns. Temos que nos prender às nossas raízes neotestamentárias, aferrar-nos à mensagem da graça e da fé, do Deus que salva os que creem em Jesus Cristo; a mensagem que apregoa a necessidade de arrependimento e fé. Não há cerimônias, não há rituais, não há novenas nem correntes. É graça, é fé, é o sacerdócio universal de todos os crentes.

3. A FIGURA DO MESSIAS

Jesus está numa festa de casamento. É o messias, que supera Moisés. João 1.17 diz que *“a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”*. Ele é o pão que desceu do céu, que Moisés não deu, mas o Pai dá aos homens (Jo. 6. 31-33). O vinho não está nas talhas de purificação do judaísmo. O vinho vem com ele, com um gesto seu. Isto é significativo: ele traz a torah. Ele traz o verdadeiro ensino. As talhas estão ali, secas, completamente vazias. Ninguém pode enchê-las, só ele pode fazer isto. Só ele purifica, só ele traz a alegria e a realização espiritual. Só ele pode tornar o banquete messiânico real. Sem sua presença, a festa seria um fracasso. Ele é o pão e ele é o vinho. Ele é o alimento. Ele é a razão da festa. Ele tem um vinho superior. O mestre - sala é um profundo conhecedor de vinho. Conhece bem os vários tipos desta bebida. Ele prova os dois e diz que o segundo vinho é melhor. O vinho de Jesus, a torah de Jesus, o ensino de Jesus, é melhor que o vinho da antiga aliança, que, alias, já acabou e deixou as pessoas frustradas. Quem diz isso é uma pessoa que provou os dois.

As talhas da antiga aliança estão vazias. Só há purificação em Jesus, não mais em rituais sacerdotais. Ele limpa, ele purifica: *“Vós já*

estais limpos pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15.3). Quem sabe se lavou pela sua palavra, não precisa mais de banho: *“Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais está todo limpo”* (Jo 13.10). Ele limpa a vida para sempre. Não há necessidade de ritual de purificação. Ele fez isso de uma vez por todas, no Calvário. Não há bênção fora dele. Não há salvação fora dele. Não há realização espiritual fora dele. Não precisamos mais das talhas do passado. Ele não tem ligação com o sistema do passado. O vinho não estava na talha e a água não foi tornada em vinho dentro da talha. Não é a talha que está em cena, é a ação de Jesus. É a sua palavra, a sua ordem. Não há como compatibilizar os dois nem como remendar nenhum dos dois. O sistema passado caducou, o novo se levanta e prevalece.

Ele manifestou a sua glória, mostrando que as coisas antigas passaram e que uma nova ordem estava começando. *“Se alguém está em Cristo, nova criação é; as coisas velhas já passaram e eis que tudo se fez novo”* (2Co 5.17). O evangelho é o vinho novo que é melhor que o vinho velho, que é o judaísmo. A graça e a verdade que ele veio trazer são melhores que a lei de Moisés. Por isso, nada de regrinhas, de complicados sistemas religiosos, de mortificações, de retorno ao passado sacerdotal. Jesus desburocratizou a religião. Não sacerdotes de autoridade exclusiva. Todos são sacerdotes na nova ordem. Não há sacramentos. Não há palavras mágicas, não há ritos mágicos e nem cultos mágicos. Devemos dizer não a rejudaização e a recatolização que nos assolam. O evangelho traz esta mensagem: cada um de nós está diante de Deus, próprio sacerdote. ■

CONCLUSÃO

Podemos recusar o rótulo de protestantes. Pessoalmente, sempre achei esta discussão meio ociosa. Mas devemos nos prender à mensagem da Reforma: só a graça, só a fé, só Cristo, só a Escritura. Não às revelações de homens e mulheres especiais, não ao profetismo veterotestamentário, não ao sacerdotalismo judaico, não à clericalização de nossas igrejas. Não à adição de qualquer coisa a

Cristo.

Sim ao sacerdócio universal de todos os crentes. Sim ao profetismo universal de todos os crentes. Sim à graça. Sim ao evangelho. Sim à simplicidade. Sim à revelação completa em Jesus. Chega de insistir com as talhas. Elas estão secas e não têm água, muito menos vinho. Jesus é o vinho de Deus. Ele basta. Por isso, sim à suficiência de Cristo. Precisamos reafirmar isto com todas as nossas forças: Cristo basta. Preguemos com todo o nosso vigor a suficiência de Cristo. Rejeitemos com o mesmo vigor toda e qualquer tentativa de trazer as talhas de volta. Somos cristãos e não judeus. Alguns cristãos parecem ter vergonha de serem cristãos. Gostariam de ser judeus. Usam até o chapeuzinho de judeus. Isto porque o raciocínio teológico de alguns é assim: quando Israel rejeitou a Jesus, Deus ficou perdido, desculpem a expressão vulgar, “no mato sem cachorro”, precisando de um povo. Então escolheu a igreja, como um par de muletas. Recebemos as sobras do amor de Deus. Estás errado. A Igreja foi escolhida desde a eternidade (Ef 1. 4) e entrará na eternidade. Ela veio da eternidade, entrou na história, e voltará para eternidade. Ela é fantástica. É a única instituição antes e pós - história. Israel era o rascunho e a Igreja, o projeto final. Deus não salva por etnia nem por ato cirúrgico. Deus só salva crentes em Jesus Cristo. Israel precisa se converter a Cristo para ser salvo. Somos a verdadeira descendência de Abraão, pela fé. Somos filhos de Deus porque Jesus Cristo perdoou nossos pecados e nos ligou ao Pai para sempre. Amarremo-nos à graça, amarremo-nos à cruz de Jesus, amarremo-nos à simplicidade do evangelho: Jesus Cristo, poder de Deus para salvação de todo aquele que crê. ■